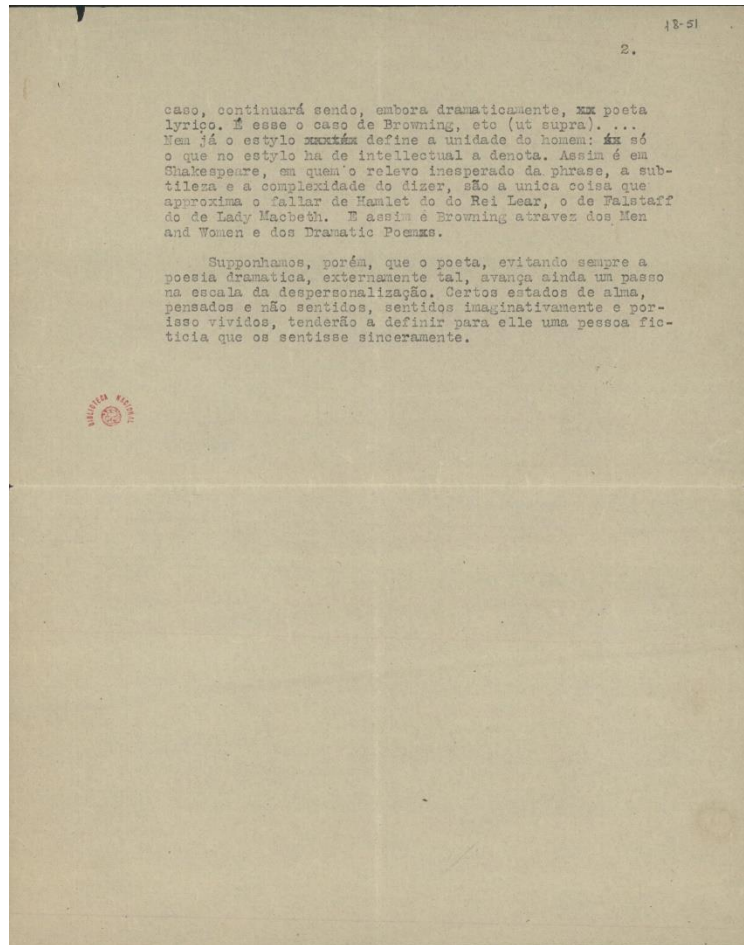


O primeiro grau da poesia lyrica é aquelle em que o poeta, de temperamento intenso e emotivo, exprime espontanea ou reflectidamente esse temperamento e essas emoções. É o typo mais vulgar do poeta lyrico; é tambem o de menos merito, como typo. A intensidade da emoção procede, em geral, da unidade do temperamento; e assim este typo de poeta lyrico é em geral monocordio, e os seus poemas giram em torno de determinado numero, em geral pequeno, de emoções. Porisso, neste genero de poetas, é vulgar dizer-se, porque com razão se nota, que um é "um poeta do amor", outro "um poeta da saudade", um terceiro "um poeta da tristeza".

O segundo grau da poesia lyrica é aquelle em que o ~~temperamento do poeta~~, poeta, por mais intellectual ou imaginativo, pode ser mesmo que só por mais culto, não tem já a simplicidade de emoções, ou a limitação d'ellas, que distingue o poeta do primeiro grau. Este será tambem typicamente um poeta lyrico, no sentido vulgar do termo, mas já não será um poeta monocordio. Os seus poemas abrangerão assumptos diversos, unificando-os todavia o temperamento e o estylo. Sendo variado nos typos de emoção, não o será na maneira de sentir. Assim um Swinburne, tam monocordio no temperamento e no estylo, pode contudo escrever com equal relevo um poema de amor, uma elegia morbida, um poema revolucionario.

O terceiro grau da poesia lyrica é aquelle em que o poeta, ainda mais intellectual, começa a despersonalizar-se, a sentir, não já porque sente, mas porque pensa que sente; a sentir estados de alma, que realmente não tem, simplesmente porque os comprehende. Estamos na antecamara da poesia dramatica, na sua essencia intima. O temperamento do poeta, seja qual fôr, está dissolvido pela intelligencia. A sua obra será unificada só pelo estylo, ultimo reducto da sua unidade espiritual, da sua coexistencia comsigo mesmo. Assim é ~~o Browning dos Men and Women~~ Tennyson, escrevendo por equal Ulysses e The Lady of Shalott; assim, e mais, é Browning, escrevendo o que chamou "poemas dramaticos", que não são dialogados, mas monologos revelando almas diversas, com que o poeta não tem identidade, não a pretende ter e muitas vezes não a quere ter.

O quarto grau da poesia lyrica é aquelle, muito mais raro, em que o poeta, mais intellectual ainda mas igualmente imaginativo, entra em plena despersonalização. Não só sente, mas vive, os estados de alma que não tem directamente. Em grande numero de casos, cahirá na poesia dramatica, propriamente dita, como fez Shakespeare, poeta substancialmente lyrico erguido a dramatico ~~pelo~~ pelo espantoso grau de despersonalização que attingiu. Num ou noutro



caso, continuará sendo, embora dramaticamente, ~~um~~ poeta lyrico. É esse o caso de Browning, etc (ut supra). ... Nem já o estylo ~~mantém~~ define a unidade do homem: ~~é~~ só o que no estylo ha de intellectual a denota. Assim é em Shakespeare, em quem o relevo inesperado da phrase, a subtileza e a complexidade do dizer, são a unica coisa que approxima o fallar de Hamlet do do Rei Lear, o de Falstaff do de Lady Macbeth. E assim é Browning atravez dos Men and Women e dos Dramatic Poems.

Supponhamos, porém, que o poeta, evitando sempre a poesia dramatica, externamente tal, avança ainda um passo na escala da despersonalização. Certos estados de alma, pensados e não sentidos, sentidos imaginativamente e por isso vividos, tenderão a definir para elle uma pessoa ficticia que os sentisse sinceramente.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).